

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)  
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

## PRIMEIRA VERSÃO

ANO III, Nº165 - OUTUBRO - PORTO VELHO, 2004  
VOLUME XI

ISSN 1517-5421

EDITOR  
**NILSON SANTOS**

### CONSELHO EDITORIAL

**ALBERTO LINS CALDAS** - História - UFRO  
**CLODOMIR S. DE MORAIS** - Sociologia - IATTERMUND  
**ARTUR MORETTI** - Física - UFRO  
**CELSO FERRAREZI** - Letras - UFRO  
**HEINZ DIETER HEIDEMANN** - Geografia - USP  
**JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY** - História - USP  
**MARIO COZZUOL** - Biologia - UFRO  
**MIGUEL NENEVÉ** - Letras - UFRO  
**ROMUALDO DIAS** - Educação - UNICAMP  
**VALDEMIR MIOTELLO** - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775  
CEP: 78.900-970  
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

# PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

*lathé biosa*

**165**



FLÁVIO DUTKA

## CONVITE À SOCIOLOGIA CIENTÍFICA

Clodomir Santos de Moraes



em 1973, há 25 anos, ou seja, um quarto de século, que este seu servidor foi honrado com um convite do presbítero Núñez Jiménez, destacado político e intelectual centro-americano de indelével memória, criador desta Universidade de Heredia, para participar da solenidade de abertura do claustro de seu recém-fundado estabelecimento de ensino superior.

Era um momento crepuscular de extraordinária beleza, emoldurado pela não menos bela tumultuada geografia da Cordilheira Central, ostensivamente retocada pelas nuvens que, ao prelúdio do anoitecer, costumam regar feixes e mais feixes de cores nos pináculos dos soberbos vulcões costa-riquenhos.

Por outro lado, cá embaixo a paisagem humana de um milhar de pessoas, entre convidados especiais e professores, manifestava claramente um cosmopolitismo peregrino, fruto da grande crise institucional que vivia a América Latina e especial a América Central, cujos golpes de Estados promovidos, ao antojo das transnacionais fizeram confluír para a República Liberal da Costa Rica cidadãos, professores e cientistas de quase todas as nacionalidades de nosso continente.

Assim que, senhores e senhores, a Universidade Nacional da Costa Rica já nasceu conformada por uma considerável riqueza de quadros que, juntamente com os quadros autóctones, rapidamente iriam torná-la um respeitável centro universitário de prestígio internacional.

Daí que é motivo de orgulho, de envaidecimento para todos os costa-riquenhos heredianos, e nós, os modestos colaboradores, o fato de ver esta universidade realizar tão importante conclave internacional que reúne a *intelligentsia* universitária dos países de Ibero-américa e do Caribe.

É compensador contemplar, hoje em dia, os professores e técnicos que, naquela solenidade de cinco lustros passados, eram jovens e agora, já de cabelos grisalhos, comprovam o desprendimento, a lealdade e a abnegação, o amor à semente bem semeada pelo presbítero Benjamin Núñez Jiménez.

Foi o mesmo padre Núñez Jiménez que participou do governo surgido da Revolução Burguesa da Costa Rica, encabeçada por José Figueres Ferrer, este importante prócer das transformações históricas costa-riquenhas que, um pouco mais de cinco lustros antes, em 1918 havia sido protagonista da Revolução Universitária de Córdoba, Argentina, juntamente com os estudantes o peruano Haya de la Torre, o guatemalteco José Arévalo e o venezuelano Rómulo Betancourt.

O movimento de rebeldia dos estudantes da Universidade de Córdoba, de profundas conseqüências nas universidades e na própria história da América Latina, não foi, evidentemente, um fato isolado. Não. Porque, se houvesse sido, seria uma exceção incompreensível de uma das leis da dialética que explica a inexorável interdependência dos fenômenos.

De fato, ademais das idéias de Gonzalo Prada e de Mariátegui no Peru, os "Ventos do Leste", ou seja, da Revolução de Dezessete na Rússia, haviam soprado todo o Planeta, fazendo surgir novas perspectivas para as alianças das classes dos despossuídos e para o acesso destes às universidades gratuitas, livre de discriminações.

Um dos eméritos professores e mais ativistas da Universidade de Córdoba foi o exilado alemão Goldshimith que, dois anos antes, juntamente com Rosa Luxemburgo, Liebenicht e Witffogel, eram os catedráticos da escola de formação de quadros do Partido "Spartaco" dos comunistas germânicos.

Segundo Carlos Tunnerman Berheim "os movimentos de Córdoba foram a primeira confrontação entre uma sociedade que começava a experimentar mudanças em sua composição interna e uma universidade enquistada em esquemas obsoletos" e, ademais, teve "o afã de projetar o trabalho universitário no seio da coletividade, que foi um dos enunciados básicos do Movimento, dando origem – segundo o mesmo autor citando a Gabriel Mazo – a uma "nova função" para a Universidade Latino-americana, *"a função social"*, isto é, o propósito de pôr o saber universitário a serviço da sociedade e fazer de seus problemas (da sociedade) tema fundamental de suas preocupações".

"Dita nova função representa para vários teóricos da Universidade Latino-americana a que mais contribui para tipificá-la e distingui-la, em certo modo, de seus congêneres de outras regiões do mundo".

A *"ação social"* que encarna a Extensão Universitária nascida em Córdoba presidiu, desde seus primeiros momentos de existência, a Universidade Autônoma da Costa Rica. Com efeito, não faltou, até o presente momento, a esta universidade sensibilidade para encarar, para enfrentar, os problemas sociais que mais afetam aos costa-riquenhos "extra-campus": os operários atirados ao desemprego, os camponeses carentes de terra, a pequena burguesia cada dia mais sacrificada, o meio ambiente permanentemente ameaçado; os direitos individuais dos cidadãos freqüentemente restringidos pela violência urbana (que cresce na medida em que o sistema econômico imperante elimina massivamente postos de trabalho e a renda, multiplicando, assim, os excluídos), os direitos da mulher e dos adolescentes.

Ademais da inovadora experiência de autogestão, sua Escola de Planejamento Social, dirigida pelo Prof. Miguel Sobrado Chaves, realizou diversos eventos capacitadores em autogestão durante vários anos, integrados por professores e alunos. Eventos de capacitação massiva envolvendo milhares de pessoas.

A esta jovem universidade se deve o decisivo empenho na estruturação de quase uma centena de empresas associativas ou comunitárias geradoras de emprego e renda, algumas das quais estão entre as maiores e modelares empresas congêneres da América Latina, como são os casos da Cooperativa "El Silencio" e "La Vaquita". Em conseqüência deste extensionismo universitário sistemático, esta Universidade capacitou um grande número de professores e alunos no trabalho de organização das massas de desempregados.

Já nos primeiros passos desta universidade, um de seus catedráticos (e que, hoje em dia, ocupa o digníssimo posto de Reitor), o Prof. Jorge Moral Alfaro, estabelecia em um de seus escritos sobre capacitação massiva, o seguinte paradigma: "a capacitação de líderes ou de quadros dirigentes sem referir-se à teoria e à prática da organização é irremediavelmente uma capacitação deficiente, que pode ter conseqüências negativas pelo menos em dois sentidos: de uma parte, se pode criar uma elite com fortes possibilidades de desvinculação dos problemas da coletividade que originarão sua capacitação, através de canais de ascensão social acessível em seu novo "status" e, de outra, ao restar aos quadros e às massas o conhecimento técnico da organização, torna-os incapazes de evitar a "entropia" nos organismos sociais, provocada pela degradação destes e de seus integrantes e, por defeituosa ou inexistente vida orgânica, mumificada em atos litúrgicos".

A bandeira da organização dos excluídos para gerar postos de trabalho e renda mediante a metodologia da capacitação massiva foi conduzida por professores desta Universidade de Heredia a El Salvador, ao México, à Nicarágua, ao Panamá, à República Dominicana, à Venezuela e à Colômbia, em cujos países ensinaram a criar e a consolidar empresas de autogestão, a fim de elevar o nível de vida das populações carentes de centros urbanos e de áreas rurais.

Desta forma, a extensão universitária da Universidade Nacional Autônoma da Costa Rica não se limitou a ultrapassar as muralhas do “campus”, senão que foi mais além das fronteiras nacionais cobrindo toda Mesoamérica, países do Caribe e da América do Sul. Não é por acaso que esta UNACR foi elegida a “Universidade-âncora” do “pool” de universidades européias e latino-americanas que levarão a efeito o Doutorado centrado no tema da Capacitação Massiva para a Autogestão de Empresas de Propriedade e Produção Sociais.

Desde o nascimento desta universidade até nossos dias, o mundo sofreu profundas mudanças, de tão acentuado que foi o desenvolvimento das forças produtivas em seu entorno, durante estas três décadas que, à Extensão Universitária, evidentemente, de nenhuma maneira passou despercebido.

São tempos distintos, muito bem diferentes, dos começos da primeira universidade surgida no Planeta, no século X, a Universidade de Tombuctu, no sul do Deserto do Saara, quase nos pântanos do Rio Níger, atualmente República de Mali, onde se conservam restos de suas ruínas.

Desde lá, do coração da África tórrida, no afã de extensionismo universitário, seu jovem geógrafo IBN BATUTA, viajou durante mais trinta anos, para o Mediterrâneo cartaginês, romano e grego a fim de conhecer o Mundo e a História do mundo em troca da difusão de avançados conhecimentos africanos e islâmicos.

Neste plano, seguiu viagem para o Mar Negro, ao Volga, aos Montes Urales e ao Mar Cáspio, ao Cáucaso azerbaijano e, após uma pausa de um ano em Samarkanda, capital do Império de Gengis Khan, enfrentou as grandes distâncias da Turcomênia, Uzbequistão, Sibéria, Mongólia e China.

Passado algum tempo, chegou-lhe a vez de viajar para Indochina, Península de Málaga, Malásia, Cingapura e Indonésia. Seu regresso a sua universidade de Tombuctu, tratou de fazê-lo pela Índia, Caxemira, Paquistão, Afeganistão, Irã, Iraque, Turquia, Jordânia, Palestina, visitando, em seguida, Meca, na Península da Arábia Saudita.

No entanto, não fatigado ainda de ditar, durante mais trinta anos, milhares de conferências (significado literal do Corão), em seu afã de extensionismo universitário baseado no proselitismo islâmico, o professor IBN BATUTA dirigiu-se para o sul da África, chegando até a Ilha de Zanzibar, famosa, já desde aquela época, pela exportação do cravo.

Ele buscou regressar ao Mediterrâneo através do Rio Nilo, visitando o Sudão, a Etiópia e o Egito para depois chegar ao Marrocos e, em seguida, em uma caravana de camelos, atravessar o Saara e aparecer, já de cabelos grisalhos, marcados pelo tempo e sofrimentos, à sua Universidade de Tombuctu a fim de reassumir sua cátedra de Geografia e História do Mundo.

O eurocentrismo, que cerca a sede da UNESCO em Paris, nunca possibilitou a restauração da mesquita onde funcionou, há mil anos, a primeira universidade do mundo, porém, em contraposição, prestigia a conventos jesuítas, europeus e latino-americanos, nos quais nasceram Universidades muito menos antigas que a

africana de Tombuctu. Além disso, deixa permanecer no olvido IBN BATUTA, o geógrafo viajante, extensionista universitário, que superou quase duas vezes as distâncias percorridas pelo europeu Marco Polo.

As justificativas desse longuíssimo périplo por três continentes estavam somente no desejo de ensinar os conhecimentos africanos e de aprender sobre muitos povos e culturas daquele mundo antigo. O propósito fundamental era – digamos – uma singular extensão universitária inspirada no intento da “globalização” do Islam, ao longo e ao largo do Mundo conhecido, cujos confins orientais mais distantes, naquelas épocas, estavam na Australásia, na Indonésia de nossos dias.

Alá, o criador do “céu e da terra”, é o deus dos islâmicos e pré-determinador do destino de cada homem que se considera impotente ante esse Todo-Poderoso, adorado nas mesquitas.

Passados seiscentos anos depois de IBN BATUTA, hoje em dia, nos atuais últimos anos do Segundo Milênio, África e Indonésia vivem outro tipo de Globalização: a Globalização da miséria e do desemprego presidida por outro deus todo-poderoso: o dinheiro que, adorado no “templo” das Bolsas de Valores, desde logo, deve suscitar outro tipo de extensionismo universitário.

Com efeito, a ONU noticiou, no mês passado, que a África apresenta trezentos e quarenta milhões de famintos e, em cada minuto, três africanos morrem de desnutrição. Enquanto isso, a revista *Visão*, edição de 16 a 21 de agosto último (1998), informa que “com a firma Quantum Funds o célebre megaespeculador George Soros, que possui fundos disponíveis ao redor de vinte bilhões de dólares, é capaz de obter créditos cem vezes maiores por meio do mercado dos derivados e, em particular, dos detestáveis *hedge funds* (*fundos de resguardo*), popularmente conhecidos como cobertura de riscos. Ou seja, enquanto a Quantum Funds pode facilmente mover duzentos bilhões de dólares, o quarto país mais povoado do planeta, Indonésia, se encontra incapacitado de conseguir nos seletos mercados de dinheiro sequer um quinto destes créditos bancários, onde se movem como peixes na água os megaespeculadores”.

William Shakespeare, no “Timão de Atenas”, assim destacava a onipotência do “deus-dinheiro”:

“Primeiro, é a divindade visível, a transmutação de todas as propriedades humanas e naturais em seu contrário, a confusão e inversão universal de todas as coisas, capaz de irmanar das impossibilidades; segundo, é a prostituta universal, o universal alcoviteiro dos homens e dos povos”.

Marx, comentando sobre esta catarse do dramaturgo inglês, disse que:

“A inversão e confusão de todas as qualidades humanas e naturais, a conjugação das impossibilidades; a força divina do dinheiro radica em sua essência, enquanto que essência genérica desterrada, alienante e auto-alienante do homem. É o poder alienado da humanidade”.

“O dinheiro, enquanto possui a propriedade de comprar tudo, enquanto possui a propriedade de apropriar-se dos objetos, é, pois, o objeto por excelência. A vulnerabilidade de sua qualidade é a onipotência de sua essência; vale, pois, como ser onipotente”.

“Se o dinheiro é o vínculo que me liga à vida humana, que liga à sociedade, que me liga com a natureza e com o homem, não é o dinheiro o vínculo de todos os vínculos? Não é também por isto o meio geral de separação? É a verdadeira moeda divisória, assim como o verdadeiro meio de união, a força galvano-química da sociedade”.

Assim responde, atualmente, Jack Weatherford a esta indagação: “Os une uma só coisa: O dinheiro. Independentemente de que designe a sua moeda como dólares, rublos, ienes, pesetas, marcos, balboas, francos, libras, pesos, escudos, colones, liras, reais, bolívares, dracmas, iuans, quetzales, rúpias, chelins, cada uma opera essencialmente da mesma forma, como parte menor de um sistema monetário internacional que chega a cada granja, ilha e aldeia do Planeta. Sem importar onde esteja e qual seja a divisa local, este moderno sistema possibilita o fluxo rápido e fácil de dinheiro de um mercado a outro”.

Já em 1677, “Aphra Behn, uma dramaturga do século dezessete – acrescenta Weatherford – escreveu em sua obra “The Rover” (O Vagabundo) que “o dinheiro fala com sentido em uma linguagem que todas as nações entendem”.

Para Marx, “na *forma de dinheiro*, o capital une a força de trabalho e os meios de produção; na *forma produtiva* produz menos valores de uso que constituem os portadores materiais do próprio valor capital; na *forma mercantil*, ao realizar o valor do capital e da mais-valia, lança o valor de uso da esfera do consumo (o individual e o produtivo)”.

Para esclarecer este caráter ilimitado do dinheiro e a força com que comanda todos os músculos da atividade humana, há que ir mais a fundo, à Divisão Social do Trabalho (germe do conhecimento e da linguagem social”) que fez surgir, paralelamente à propriedade privada, a MERCADORIA, a célula da economia mercantil, cuja expressão exponencial, *o dinheiro*, propicia, em forma de movimento, a solução das contradições do *valor de uso* e do *valor de troca*. Ambos são gerados, respectivamente, pelo *trabalho concreto* (o dispêndio de energia do produtor) e pelo *trabalho abstrato* revelador (no mercado) do tempo socialmente necessário para produzir a mercadoria.

De fato, as relações entre os seres humanos, entre comunidades, entre povos e entre países se manifestam com a mesma clareza na esfera do intercâmbio. A produção mercantil não só inter-relaciona as pessoas como também sujeita aqueles alcançados pela circulação mercantil.

A novela “O Grande Norte” de T. Siomúchkin mostra eloqüentemente como, antes de 1917, os indivíduos de uma comunidade de caçadores e pescadores lapões se ligavam ao resto dos telúricos. Eles viviam no norte da Sibéria, ao ocidente da longínqua Ilha de Wrangel, e estavam sempre pendentes da visita anual de um único barco que, no degêlo do Estreito de Behring, conseguia penetrar no Oceano Glacial Ártico.

Charleston, possivelmente um prófugo da justiça norte-americana, dono do único armazém, enorme bodega daquela aldeia de lapões, comprava suas mercadorias (em geral pelas finas de foca e presas de leão-marinho) pelo que trazia no barco: chá preto da Índia empacotado na Inglaterra; chocolates suíços e holandeses feitos com o cacau de Gana ou da América Central; café da Etiópia empacotado na Itália; alguns tecidos chineses exportados por ingleses; facões e machados “Solingen” da Alemanha; rifles e escopetas de caça e uma variedade interminável de utensílios de alumínio para a cozinha e a mesa: chaleiras, frigideiras, panelas etc.

Charleston, durante o ano, adquiria centenas de peles dos lapões; em troca de insignificantes chaleiras e panelas de alumínio ou em troca de pacotes de chá da Índia; um que outro rifle, cujo preço equivalia a uma pele de raposa prateada, facilmente trocável vendia (a mercê da ignorância do comprador) por dez peles que o proprietário do barco, seus consignatários em São Francisco da Califórnia, enquanto os revendedores em Nova Iorque, Paris, Tóquio, Londres e Viena obtinham facilmente, dos consumidores finais, dinheiro suficiente para comprar armas de todo um batalhão.

Era a energia despendida no trabalho concreto de modestos caçadores dos bosques supergelados da Cordilheira de Verkoyansky; energia regada por milhares e milhares de quilômetros mediante a vasta rede de artérias da circulação mercantil espalhada em três continentes.

Obviando o referencial dinheiro e fixando na energia representativa do trabalho que o encarna, Antonio Peña e George Dreyfus falam sobre “um trabalhador alemão que, no total do processo produtivo, gasta 225 mil kilojoules de energia operando com uma gigantesca máquina que extrai vinte mil toneladas de carvão por dia, as quais, por sua vez, vão produzir mais 165 milhões de joules/hora. Isso significa que esse indivíduo consegue mover uma quantidade de energia quase 500 mil vezes maior que seu gasto total diariamente”.

E logo fazem a comparação desse trabalhador alemão com um agricultor de um país do Terceiro Mundo que, ao contrário do alemão, não usa despertador elétrico, não se banha com um chuveiro elétrico, tampouco consome energia elétrica no desjejum e não usa automóvel para deslocar-se até o local de trabalho.

Dito agricultor remove a terra com um arado de tração animal; realiza na colheita de seu minifúndio (com a ajuda de sua esposa e filhos) uma produção pequena que apenas cobre sua própria subsistência.

No que se refere à energia, este agricultor produz apenas 42 vezes o valor de sua própria força de trabalho, ou seja, produz muito pouco se se compara com aquele trabalhador do país desenvolvido. Isto se deve à tecnologia utilizada que, no caso daquele produtor alemão, permite incrementar a relação de energia despendida por energia produzida. No caso do camponês, ao que ao ponto de vista energético se refere, pelo fato de investir pouca energia em sua pequena propriedade, move uma quantidade quase insignificante de energia.

Agora bem, como tanto aquele trabalhador do Primeiro Mundo, que maneja uma moderna e poderosa máquina extratora de carvão, comparado com o agricultor de um país subdesenvolvido, que opera com arado movido a bois, através das relações globais de comercializações, ambos estabelecem vínculos ainda que sejam indiretos. Pode ser que estejam separados geograficamente, porém a imensa rede do sistema de intercâmbio da economia mercantil capitalista, como se fosse um sistema de vasos comunicantes, os mantêm articulados e, como tal, um dependendo do outro em escala planetária.

Aqui, seguramente a bomba de sucção do intercâmbio mercantil a nível internacional levará para o mundo desenvolvido os lucros resultantes da desfavorável relação de energia despendida por energia alcançada do Terceiro Mundo. Isso, vale dizer, que as condições saudáveis de um produtor do Primeiro Mundo resultam da sucção da energia despendida por milhares de produtores do Terceiro Mundo. A elevada esperança de vida daquele se alimenta da reduzida esperança de vida destes.

De modo que é um equívoco imaginar que a tecnologia de ponta montada sobre a informática, sobre a robótica, predominante no famoso “Grupo dos Sete” países mais ricos do mundo, dispensem a participação, e até a existência dos outros 174 países que conformam a comunidade internacional. O conceito de marginalidade é, pois um conceito falso, seja a nível local ou nacional ou a nível mundial, porque ninguém pode estar à margem da economia mercantil capitalista, se acaso já foi alcançado pela circulação mercantil.

Os três milhões de hindus atirados ao desemprego pela crise financeira da Indonésia não podem ser rigorosamente considerados excluídos. Sua existência, por si só, com tudo e fome que sofrem, jogam um papel importante na manutenção de baixíssimos salários, tanto nos países da crise financeira como no país de origem, Índia, ameaçada a tê-los de regresso.

Quer dizer que as comunicações informatizadas, o microcomputador ou a “Internet”, neste caso, vieram apenas acelerar a apropriação da “mais-valia” mercê da interdependência, a nível mundial, de todos os cidadãos inseridos na gigantesca teia de aranha das relações de intercâmbio, instaurada desde quando o Código de Morse navegou em cabo submarino ou em ondas hertzianas captável pelo detetor de Brangli.

Tal e como se comportam os vasos capilares do sistema circulatório identificado por Harvey e Malpighi no século XVI, similar às redes hidrográficas, os fluxos de energia despendida nas periferias resultam sempre incrementando o leito dos grandes caudais, que em biologia humana seriam as aortas superior e inferior que o coração usa para fazer circular o precioso líquido, o sangue, com o qual se faz chegar ou restar energia às células/energia que provém de distintas formas, da luz, em um princípio, ou dos alimentos e seus componentes”.

“Ao degradarem-se as moléculas das células (segundo Peña e Dreyfus aqui já referidos), a energia se transforma ou se “dissipa” em forma de calor. O balanço é, afinal de contas, que uma grande parte da energia que se requer para levar a cabo esta constante renovação de seus componentes está contida nos alimentos dos seres vivos” (alimentos que no intercâmbio mundial se denomina a mercadoria ou dinheiro).

Quanto ao transporte biológico, vejamos:

“Os organismos que estamos acostumados a ver na vida diária, inclusive nós mesmos – acrescentam aqueles cientistas da bioenergética – têm a necessidade de tomar do exterior substâncias para viver”.

Os animais necessitam de alimentos muito diversos que contêm, por sua vez, uma grande variedade de substâncias e água. As plantas necessitam de água e algumas substâncias que, ou bem pode gerar-se no próprio solo, ou devemos proporcionar-lhes como fertilizantes, que não são outra coisa que diferentes tipos de sais de amônio e outros minerais”.

“Os organismos unicelulares como as bactérias ou os fungos protozoários também devem tomar do meio em que vivem materiais que lhe são indispensáveis para subsistir”. “Muitas substâncias que existem nos seres vivos se encontram em concentrações maiores em seu interior que no meio em que vivem. Por exemplo, o potássio está quase sempre em todas as células a uma concentração muito maior que os do meio que as rodeia e não é este o único caso”.



“É um fato conhecido de todos que qualquer substância colocada em um líquido, por exemplo, tende a distribuir-se neste por igual. Uma gota de tinta colocada em um vaso com água termina, com a passagem do tempo, por distribuir-se uniformemente em todo o líquido”.

“Isto se deve a que as moléculas do corante têm um movimento constante devido a uma forma de energia, a energia cinética. Como resultado disso, qualquer substância tende a deslocar-se dos lugares de maior aos de menor concentração”.

“Assim, cada molécula ou partícula de uma solução tem uma quantidade de energia e a quantidade total desta depende da quantidade dessa substância em um espaço dado. O caso é o mesmo que para o ar comprimido”.

“A energia contida em um tanque depende da quantidade que se tenha conseguido introduzir e a energia se manifesta como pressão. Para comprimir-se ar se requer energia; a saída do ar, por sua vez, se pode utilizar para realizar trabalho movendo uma turbina, um compressor etc.”

Contudo, a vigilância necessária para não cair prisioneiro do Mecanicismo vulgar e menos ainda das tendências energetistas que afloraram na sociologia política do século passado, sempre há que levar em conta que a diversidade do conhecimento humano não discrimina e não exclui, que não que necessita dos avanços das diferentes ramificações científicas.

O exemplo mais eloqüente disso reside na importante contribuição da escrita contábil, ou seja, a Contabilidade de Partida Dupla – escrita esta resultante da práxis cada vez mais complicada das transações mercantis do início do nosso atual milênio.

Segundo Sombart, pelo fato da Contabilidade de Partida Dupla ser o primeiro sistema que o ser humano foi capaz de construir e entendê-lo (com o movimento de entrada e saída, ou seja, de retroalimentação), facilmente levou Copérnico e Galileu a entender a mecânica celeste do Sistema Solar, enquanto Harvey e Malpighi, no campo da biologia, puderam conceber o sistema Circulatório.

Agora bem, na encruzilhada em que se depara, hoje em dia, a Humanidade, em plena crise laboral e ecológica do progresso técnico, os protagonistas dela terão que criar experimentalmente os mais distintos espectros que ajudem na leitura, na equação e na solução de seus enormes problemas de conseqüências imprevisíveis.

O planeta afunda vertiginosamente em parâmetros e critérios éticos incompreensíveis, tais como:

- a. as linhas de financiamento da Comunidade Européia para que seus agricultores não produzam alimentos, quando um terço da população da Terra padece de fome epidêmica com milhões e milhões de óbitos por desnutrição;
- b. a conversão do terrorismo vulgar na vulgarização do terrorismo de Estado;
- c. a volúpia das políticas de privatização que conduzem à indiferença, frente à plétora mundial do desemprego e seu corolário imediato, a miséria e a violência entre indivíduos, entre povos, entre nações e entres Estados;
- d. a mistificação ao identificar como povo faminto aos cubanos, que ganham sistematicamente a maioria das medalhas de ouro das olimpíadas regionais, ou aos coreanos do norte, que lançam satélite com sua própria tecnologia.

Toda essa fenomenologia especialmente trágica do final do milênio rompe o esquema lógico-formal da Extensão Universitária nascida em Córdoba há oitenta anos.

O pior de tudo é que o fetichismo, em que o dinheiro e a circulação mercantil se envolvem, leva os indivíduos a não sentir a gravidade do processo violento em que se vive e o confronto armado em escala mundial que já se vislumbra.

De modo que temos que desalienar o enfoque lógico-formal, já que o capital volátil transformou os “tigres asiáticos” (exemplos eloqüentes do êxito capitalista) em tigres de papel; ameaça afundar a gigantesca economia japonesa e põe a tremer os povos mais distantes com o “crack” da economia russa.

Já não devemos pensar tão somente em termos econômicos. Temos que recorrer à biologia e tomar a energia que um ser humano necessita como unidade vital de 2.100 calorias, a qual, em uma parte do Planeta, se acumula em forma de riqueza em detrimento de milhões de indivíduos que não alcançam nem metade destas calorias. Esta riqueza é conseguida (enquanto trabalho consumidor de energia) eliminando a uns milhões do mercado de trabalho e a outros milhões da própria existência vital, pela desnutrição.

Aqui me permitam apresentar uma modesta proposta: que a sociologia não se apóie somente nos critérios ou parâmetros da Economia para explicar aos recipiendários da extensão universitária o complexo momento que vivemos.

Que ela recorra também à biologia porque a linguagem desta ciência explica melhor o que é a fome, sem o que resulta difícil convencer às massas de alienados despossuídos como superá-la.

É, pois, um modesto chamamento a todos os extensionistas universitários e aos seus orientadores, a tentar a formulação dos primeiros princípios que tragam em seu bojo a fundação de uma Sociobiologia Científica, nascida da prática conscientizada dos que trabalham com as massas de pobres, carentes, necessitados, vítimas da praga mundial do desemprego estrutural.

Tentemos, estimados professores da UNACR, inicialmente, definir a Sociobiologia Científica como o tratado da ação das leis sociais (correspondente à forma superior de organização da Matéria) sobre o movimento e o desenvolvimento da Matéria regida por leis biológicas.

Ela terá que preocupar-se com os três grupos fundamentais de fenômenos do mundo material: os fenômenos da vida social, os da natureza orgânica e os da natureza inorgânica. Porém, principalmente pelos fenômenos da vida social, responsáveis que são pelo gigantesco salto da evolução do Homem, se se leva em conta as mudanças havidas em seus quinhentos séculos de existência e compara com o milhão de anos anteriores que marcaram o ritmo das leis da evolução biológica do Homem.

Com essa ramificação científica, lograr-se-á contrapor às teses anti-historicistas de biologização do Homem, algumas vezes inseridas na antropologia e outras vezes na psicologia social, de onde predicam a inferioridade da mulher ante o homem; as teses racistas de inferioridade dos negros ou dos indígenas e, ainda, não raras vezes, teses desenterradas das concepções filosóficas nietzschesianas da origem biogênica dos homens superdotados do futuro. É que os defensores das ditas teses ignoram que o desenvolvimento das capacidades do homem provém de cada formação econômico-social que se sucede. É certo que “o

homem é de procedência biológica, porém de origem social, ou seja, um ser sociogênico". Tanto é assim que "não se forma no Homem nenhuma atividade especificamente humana sem a ação da sociedade sobre o indivíduo e sua capacitação".

Neste particular, Todor Pavlov joga luzes ao que afirma Friedrich Engels a respeito da mão considerando-a "não só o órgão do trabalho, porém também produto do trabalho". Com efeito, Todor Pavlov afirma que "em prol do desenvolvimento dos instrumentos de trabalho, o Homem transforma (desenvolve e aperfeiçoa) os órgãos que lhe servem para a percepção sensível e para a reação objetivo-sensível e a suas (respectivas) funções". Por outras palavras, transformando o mundo que o rodeia, o Homem se transforma a si mesmo.

Como explica Adolfo Lertora, "muitas características biológicas do Homem são de origem social, pois foi o trabalho o que arrancou o Homem do mundo zoológico. A maior capacidade craniana é tanto uma condição para a maior base neurológica do trabalho como o resultado do desenvolvimento social que possibilitou a preparação de alimentos e, assim, o encolhimento do maciço mandibular". Lertora se apóia no livro de Naturj, "A Origem do Homem", que afirma que "a comida preparada e amolecida não requer, para sua mastigação, dentes e mandíbulas muito desenvolvidos. Os instrumentos começaram a substituir, cada vez mais, o aparelho mastigatório ao esmigalhar previamente a comida. Graças à diminuição do trabalho que devia realizar, o maxilar inferior dos primeiros homens foi se reduzindo e dilatando até adotar sua forma atual de ferradura; a coroa dos caninos se reduziu e os molares, especialmente o último, se tornaram menores.

Estas constatações servem para contra-restar também aos da "biosociologia" que, segundo Iván Labra, costumam aplicar os conceitos de "seleção" de "assimilação e desassimilação" da energia, de balanço energético etc. às ciências sociais.

Uma vez visto tudo isto, Lertora indaga: quê fica do darwinismo social? Quê fica da antropologia filosófica (meta-psicologia) instintiva psico-analista, base de tantas lucubrações sócio-psicológicas contemporâneas? É assim que se baseia um prolegômeno de uma psicologia social científica, o princípio do antibiologismo na conservação da natureza humana.

Aqui, pois, estão os pressupostos que emoldurarão a Sociobiologia Científica, para cuja fundação estou convidando os professores da Universidade Nacional Autônoma da Costa Rica. Tão somente assim se poderá opor às tendências biosociológicas e biopsicológicas tão em moda há mais de um século e em rota de colisão com o Materialismo Histórico e com o Materialismo Dialético.

Este chamamento modesto, o faço aqui em retribuição ao honroso convite que, no passado, me fez o Presbítero Núñez Jiménez para a abertura do Claustro da Universidade Nacional da Costa Rica.

Faço-o aqui, e neste momento, porque creio plenamente na capacidade intelectual e na inquietação científica dos costa-riquenhos e dos que fazem e honram a jovem e querida Universidade de Heredia.

## BIBLIOGRAFIA

- BERNHEIN, J. TUNNERMAN, 1981. **Notas sobre la conceptualización de la extensión universitaria**, In: Cuadernos de Extensión Universitaria, UNAM, México.
- BOAKEN, ALBERT ADU, 1980. **Topus ni West African History** - National University. Enciclopedia Universal Ilustrada- Vol I, Ediciones Nauta S.A., Barcelona, Espanha.
- FARIA, ÁLVARO DE, 1960. **Introdução ao Estudo do Formalismo e das Contradições**. Editora Brasiliense.
- JOYANES, LUIS, 1997. **Cibersociedad, los Retos Sociales Ante um Nuevo Mundo Digital**. MC Graw-Hill, Madrid.
- LABRA, IVAN, 1994. **Por uma Psicologia Social Científica**. IATTERMUND, Brasília.
- LANGE, OSKAR, 1966. **Economía Política**. Fondo de Cultura Económica, México.
- LERTORA, ADOLFO C.- 1974. **Estructura del hombre**. Ediciones Silabas, Buenos Aires.
- MARX, K. 1993. **Manuscritos Economía y Filosofía** – Ediciones Atalaya, S. A., Barcelona.
- PAVLOV, TODOR. 1973. **Die widerspiegelungstheorie. Grundfragen der dialektishmaterialistischen Erkenntnistheorie, I, Deutscher Verlag der Wissenschaften**, Berlim.
- PEÑA, ANTONIO y DREYFUS, GEORGES, 1997. **La Energía y la Vida Bioenergética**. Fondo de Cultura Económica, México.
- PEREIRA DA COSTA, JOSÉ LUÍS – 1993. **Há mil anos surgia na África a Primeira Universidade**. Zero Hora, Pág. 7, Porto Alegre-Brasil.
- ROSEMBERG, DAVID. 1985. **Comentario a los Tres Tomos de "El Capital**, Editora Quinto Sol, México.
- SARIEGO, J. y GONZÁLEZ, H. y ALFARO, JORGE MORA 1977. **Seminario Taller de Capacitación en Organización: El caso de la Cooperativa "El Tigre"**. IICA, São José.
- SHAKESPEARE, WILLIAM. **Timón de Atenas**. In: Marx, opus cit.
- SIOMUCHKIN, T. **O Grande Norte, 1956**. Editora Vitória, São Paulo.
- SOMBART, WERNER – 1919. **Der Moderne Kapitalismus**. Munich-Leipzig.

## VITRINE

**DIVULGUE:**

PRIMEIRA VERSÃO  
NA INTERNET

**<http://www.unir.br/~primeira/index.html>**

Consulte o site e leia os artigos publicados

*resta a metamorfose.  
E todos se transmorfam  
por escravidão ao nascimento  
e obedecem todos  
e se curvam todos  
colocando-se aos pés  
do que não tem pés  
para correr de si mesmo  
e nas mãos daquilo  
que não se toca nem se protege,  
ainda que o medo fosse  
Aquém da morte e da sombra  
sua perfeita esfera.*

**CARLOS MOREIRA**